

AGENDA

6 DE MARÇO

MAZGANI

3 A 29 DE MARÇO

**COMEMORAÇÕES DO
DIA INTERNACIONAL
DAS MULHERES**

21 DE MARÇO

NA SOMBRA DAS PALAVRAS

MAZGANI



A estrada deu músculo à sua Cidade do Cinema, o último trabalho de Mazgani e que o traz de volta a Almada, pela terceira vez. Entusiasmo, alegria, urgência em estar junto das pessoas. É isto que move Mazgani. "Sempre foi importante e hoje é mais importante que nunca."

TEXTO Margarida Leal
FOTOGRAFIA DR

Shahryar Mazgani nasceu no Irão, no seio de uma família *bahá'í*, uma minoria perseguida no seu país. A mãe era assistente social, o pai professor universitário, mas a Revolução Islâmica empurrou-os para fora do Irão. Tinha cinco anos. A família refez a sua vida em Setúbal, cidade onde cresceu a sonhar ser cineasta. Estudou Direito mas foi na música que encontrou casa.

Mazgani tem sete trabalhos editados, alguns dos quais ao lado de nomes lendários da música, como John Parish e Mick Harvey. Regressa a Almada pela terceira vez, para apresentar a *Cidade do Cinema*, o seu último trabalho, que já ganhou a “memória muscular” que a digressão lhe confere.

Agenda Almada (AA): Primeiro veio apresentar *Common Ground*, o seu terceiro álbum, no Auditório Fernando Lopes-Graça. O ano passado tocou na esplanada da António da Costa, num dos fins de tarde quentes do Festival Almada. E agora regressa para um concerto no Teatro Municipal. É a Margem Sul a chamar por si? **Shahryar Mazgani (SM):** Almada está no meu coração, somos da mesma equipa, sempre. Pelo país e pelo mundo. Há um espírito muito próprio, na Margem Sul. Só nós sabemos por o que passamos, portanto...

AA: E mesmo em relação à música, temos um lado diferenciador, de invenção e criação?

SM: É verdade. Acho que, fora do centralismo de Lisboa, toda esta atividade também influencia um bocadinho a estética das coisas. Somos um bocadinho marginais, também na forma como criamos, porque também somos um bocadinho à margem. E isso influi na forma como se cria.

AA: Mas não se explica...

SM: Não é consciente, mas é diferenciador. Acho que é a geografia, é a vivência, são as pessoas. E isso afeta a forma como se cria arte também.

AA: Não sendo um trabalho novo, o que é que as pessoas podem esperar deste concerto?

SM: Já temos muita estrada. É importante ir repetindo, as canções vão fazendo parte da memória muscular e, a partir daí, deposita-se mais energia no conceito. Temos imenso prazer em tocar, gostamos de estar juntos e isso transparece. Espero que quem nos venha ver sinta e leve também um pouco disso consigo. É essa a vontade: passar esse entusiasmo, essa alegria, essa urgência, essa vontade de comunicar, essa vontade de estar junto das pessoas. Sempre foi importante e hoje é mais importante que nunca.

AA: Pedro Gonçalves (Dead Combo) foi quem o desafiou a fazer um disco em português. Que cidade é esta?

SM: A *Cidade do Cinema* é um lugar de imaginação e de criatividade, onde eu acho que vivo.

AA: E porquê esta mudança para português?

SM: Para já é uma questão de risco. Mesmo quando cantava em inglês, sempre tentei ir rompendo. Quando sentia que já sabia fazer uma coisa, partia para outra. Isso sempre lá esteve.

Depois foi por desafio, foi por encorajamento de amigos, que me provocaram. Modestamente, acho que saiu bem.

AA: A nossa língua é mais envolvente, profunda? Há alguma diferença de cantar em português?

SM: Eu acho que todas as línguas têm as suas próprias cores, ressonâncias, palavras. A saudade é um sentimento universal, por exemplo. A língua determina muito as emoções que somos capazes de veicular, mas a profundidade também está em quem escuta. A Amália ia cantar ao Japão em português e as pessoas choravam, apesar de não fazerem a menor ideia do que ela estava a dizer. Portanto, a língua é muito importante, mas há também uma coisa quase antes da língua que nos move. Uma emoção. É mais ou menos a esse nível que estamos a comunicar, quando ouvimos música. E é isso que procuramos na arte, não é?

AA: Numa entrevista dizia que somos a criação dos outros, no sentido em que aprendemos e os trazemos connosco. Sendo que já trabalhou com John Parish e Mick Harvey, traz um bocadinho deles para este concerto?

"Criar também é um
ato de esperança que
tem que se manter"



SM: Intimamente, sinto tudo o que acabou de dizer. Se é visível ou não, acho que depende do olhar generoso. A vida de quem canta também se sentirá por quem escuta. Os meus pais, ninguém sabe quem são, por exemplo, mas somos frutos dessas pessoas. Lembrei-me dos meus pais, mas estava a pensar também no meu filho, que é um jovem com seis anos e que depende muito do meu olhar, do da mãe...

AA: Dizia que tinha um miúdo de 14 anos dentro. A música é a sua fonte de juventude?

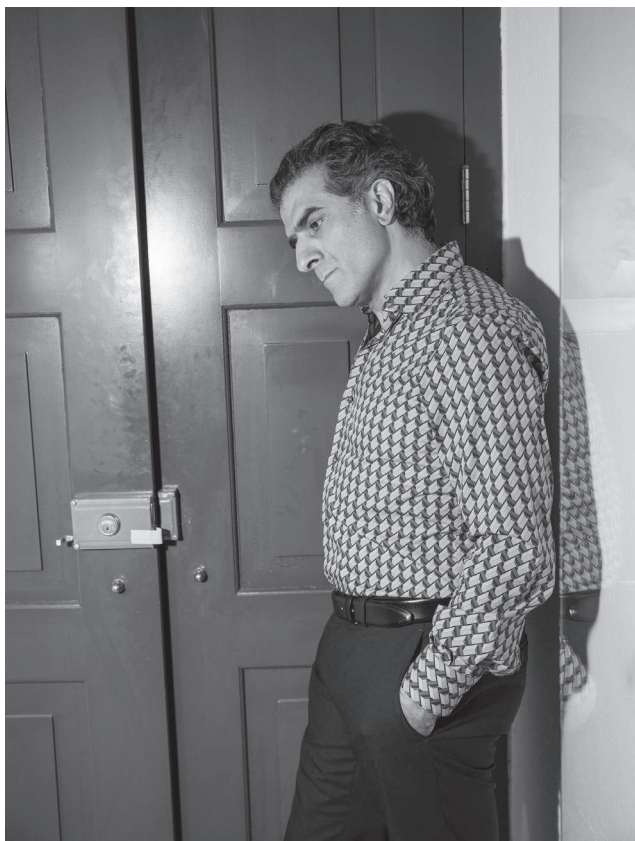
SM: Acho que sim. Vem da imaturidade, de ser adolescente, um imprestável, certamente [risos]. A música preserva muito, há um lado realmente lúdico na criação, um lado infantil na descoberta de sons e de rimas. É um empreendimento inútil, aparentemente inútil. Portanto, criar também é um ato de esperança que tem que se manter.

AA: Como é que é o seu processo criativo?

SM: No início começava sempre pelas letras, mas agora já não tenho grandes regras. Podem ser dois acordes, uma melodia, uma frase que me suja. E há a repetição. Estou a falar consigo e a olhar para a minha guitarra e para os meus cadernos. As coisas estão sempre à mão, vou trabalhando. Depois apresento à minha banda e a coisa começa a ser mais divertida. Até lá é uma atividade meio solitária.

AA: Mas de onde é que surge o verso, a melodia? O que é que o faz tomar a palavra?

SM: Essa é uma pergunta difícil e eu não sei responder. Fazer discos não é um processo fácil.



Normalmente no fim penso, «epá, nunca mais quero passar por isto». Mas passado algum tempo, recomeço. Para além de todas as coisas que vemos, nas notícias, no quotidiano, no dia-a-dia, às vezes sentimos que há mais. Ouve-se um passarinho, passa uma mulher bonita, seja o que for... há a beleza e queremos fazer parte dessa coisa, cantar sobre ela, fazer com que ela não desapareça. Talvez seja isso.

AA: Qual é que é o papel da música nos dias que correm e que sabemos que são desafiantes?

SM: A beleza da música é realmente a sua iniquidade. No sentido em que não tem poder, não pode fazer nada. E por isso é que a sua fragilidade é o que a torna bela. Mas hoje talvez seja a questão de ser um meio agregador. De encontro, de conluio, das pessoas estarem em comunidade. Nós somos seres espirituais e a música faz-nos lembrar que somos mais do que isto. A música tem o poder de nos dar asas, de nos fazer voar e de nos lembrar que somos uma criatura que imagina e sonha e deve sonhar.